



# Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

## A fotopoética como práxis na educação geográfica: reflexões sobre lugar, currículo-vivo e geograficidade

Felipe Costa Aguiar<sup>1</sup>    
Jeani Delgado Paschoal Moura<sup>2</sup>    
Ellyn Lyle<sup>3</sup>  

**Resumo:** Habitar poeticamente um lugar instiga uma abordagem de currículo por meio da geografia fenomenológica, fazendo emergir as pedagogias de lugar: os modos como somos tocados pelos currículos vividos no lugar. Retomamos o sentido etimológico de currículo como *currere*, que nos remete a um caminho a ser trilhado. Caminhar, portanto, torna-se um modo de viver currículos, atravessando e sendo atravessados por lugares e paisagens — um *currere* integrado e relacional que une céu, terra, deuses e mortais, conforme a quadratura heideggeriana. Nesse meandro, a fotopoética surge como um pensar meditativo, permitindo-nos habitar poeticamente a experiência geográfica, demorando-nos sobre os sentidos que emergem das coisas. Enquanto práxis, a fotopoética é situacional e emergente, não se configurando como uma representação de mundo, ao contrário dos currículos prescritos. Ela não é um método de ensino ou uma inovação didática, mas uma abertura para que os sentidos geográficos de lugar e paisagem possam emergir no habitar poético, provocando a reflexão. Por isso, a fotopoética se apresenta como práxis, educação e transformação.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Geografia; Educação; Currículo.

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEL) e do Departamento de Geografia (DGEO) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

<sup>3</sup> Reitora da Escola de Educação e Saúde da Universidade de Cape Breton (CBU), Canadá.



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

## PHOTOPOETICS AS PRAXIS IN GEOGRAPHICAL EDUCATION: REFLECTIONS ON PLACE, LIVING CURRICULUM, AND GEOGRAPHICITY

**Abstract:** Dwelling a place poetically provokes an approach to curriculum through phenomenological geography, bringing forth pedagogies of place: the ways in which we are touched by the curriculum experienced in the place. We return to the etymological meaning of curriculum as *currere*, which refers to a path to be walked. Walking, therefore, becomes a way of living curriculum, crossing and being crossed by places and landscapes — an integrated and relational *currere* that unites heaven, earth, gods and mortals, according to the Heideggerian quadrature. In this meandering, photopoetics emerges as a meditative way of thinking, allowing us to dwell the geographical experience poetically, lingering over the meanings that emerge from things. As a praxis, photopoetics is situational and emergent, not configuring itself as a representation of the world, unlike prescribed curriculum. It is not a teaching method or a didactic innovation, but an opening so that the geographical senses of place and landscape can emerge in the poetic dwelling, provoking reflection. Therefore, photopoetics presents itself as praxis, education and transformation.

**Keywords:** Phenomenology; Geography; Education; Curriculum.

## LA FOTOPOÉTICA COMO PRÁXIS EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA: REFLEXIONES SOBRE LUGAR, CURRÍCULO-VIVO Y GEOGRAFICIDAD

**Resumen:** Habitar poéticamente un lugar incita a una aproximación curricular a través de la geografía fenomenológica, haciendo emerger las pedagogías del lugar: los modos en que somos tocados por los currículos vividos en el lugar. Retomamos el sentido etimológico de currículo como *currere*, que nos remite a un camino por recorrer. Caminar, por lo tanto, se convierte en un modo de vivir currículos, atravesando y siendo atravesados por lugares y paisajes —un *currere* integrado y relacional que une cielo, tierra, dioses y mortales, según la cuadratura heideggeriana. En este meandro, la fotopoética surge como un pensar meditativo, permitiéndonos habitar poéticamente la experiencia geográfica, demorándonos en los sentidos que emergen de las cosas. Como praxis, la fotopoética es situacional y emergente, no configurándose como una representación del mundo, al contrario de los currículos prescritos. No es un método de enseñanza ni una innovación didáctica, sino una apertura para que los sentidos geográficos de lugar y paisaje puedan emerger en el habitar poético, provocando la reflexión. Por ello, la fotopoética se presenta como praxis, educación y transformación.

**Palabras clave:** Phenomenology; Geography; Education; Curriculum.

## A SITUACIONALIDADE DA NOSSA PRÁXIS

Escrito a seis mãos, este artigo é um exercício reflexivo de três educadores que compartilham a fotopoética como práxis docente – um modo de agir e refletir sobre o mundo que vivemos, com o propósito de re/lê-lo, re/interpretá-lo e, assim, re/escrevê-lo. Desse modo, a práxis nos leva à possibilidade de transformação do mundo (Freire, 2018; Lyle, 2023; Moura, 2024), sobretudo ao nos possibilitar re/lê-lo para nos engajar criticamente com a nossa realidade. Por isso, Freire (1992; 2001; 2011; 2018) dissera que o ato de ler é essencial e constante, pois a realidade está em emergência permanente.

Lyle (2018), Blue e Lyle (2022) e Caissie e Lyle (2022) associam a fotopoética ao ato de re/ler e re/escrever a realidade, considerando que a fotopoética inicia o diálogo entre fotografia, poesia, escritor e leitor. Busca-se, portanto, fotografar para re/ler, sendo a re/leitura do mundo fotografado um caminho para a práxis emancipatória, que libera possibilidades interpretativas solapadas pelo uso técnico da linguagem. Essa abordagem não deseja fixar uma representação estática de mundo por meio das fotografias, mas possibilitar novas interpretações a partir do exercício contínuo de reflexão.

Na Geografia, Moura e Araújo (2019), Araújo e Moura (2021) e Araújo (2022) abordaram a fotopoética como um caminho para a educação geográfica. Para as autoras, as poéticas geográficas e as geografias poéticas pulsantes nas fotografias oferecem um modo potente de pensar sobre as realidades geográficas, contribuindo para educar para/sobre/com o mundo-da-vida.

Ao ler Lyle (2018), Blue e Lyle (2022), Caissie e Lyle (2022), Moura e Araújo (2019), Araújo e Moura (2021) e Araújo (2022) à luz de Freire (1992; 2001; 2011; 2018), a fotopoética é entendida como uma prática pedagógica emancipatória. Ao contrário da pedagogia do oprimido que desumaniza os educandos ao fazê-los repetir os conteúdos impostos no currículo prescrito, a fotopoética provoca leituras próprias, o que a torna uma práxis poética e política.

Se a fotopoética não é uma práxis opressora, ela deve, portanto, diferenciar-se totalmente das práticas desumanizadoras que, de acordo com Freire (2018), instrumentalizam a educação, transformando os educandos em leitores sem autonomia, sujeitos que apenas repetem e nada criam. No contexto da educação, essa instrumentalização acontece por meio da avaliação, do currículo, da didática, dos recursos didáticos e das pedagogias bancárias.

Neste artigo, concentraremos a nossa reflexão no currículo, tomando como referência o alerta de Aoki (1983/2005a; 2005b), que nos adverte sobre o desejo das pedagogias opressoras de reduzir os professores à condição de implementadores do currículo-planejado. Tal perspectiva transforma a práxis em um ato instrumental, cujo objetivo é instrumentalizar o mundo-da-vida por meio de currículos padronizados, depositando nos educandos representações de mundo impostas pelos currículos oficiais.

Aoki (1983/2005a; 2005b) propõe que não habitemos a escola de modo instrumental, incentivando-nos a habitar os lugares da educação poeticamente. Liu

Baergen (2018), ao retomar as ideias de Aoki, destaca que o habitar poético é um caminho possível para não habitar currículos-planejados, cristalizados e sem vida. Esse habitar poético nos reabilita a conceber currículos-vivos que nos apresentam um mundo em emergência, e não um mundo fixo em representações conceituais, como fazem as pedagogias opressoras que enfocam o conteúdo das disciplinas, e não o mundo-da-vida.

Diante disso, este artigo é um exercício reflexivo que se debruça sobre a fotopoética como práxis, abrindo, por meio dela, caminhos possíveis para re/ler e re/escrever poeticamente o mundo-da-vida, albergando uma educação geográfica sensível à experiência (Moura, 2024) de mundo. Essa é uma práxis poética, por isso, crítica e reflexiva.

## **POETICAMENTE HABITAMOS UM *CURRERE*, A TERRA**

Freire (2011, p. 27) afirmou que a criticidade e a estética caminham juntas e “é por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhado que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Na educação desumanizadora, não há espaço para a estética e para a criticidade, pois a criação autônoma é um fundamento dessas dimensões do humano, e uma educação desumanizadora busca afastá-las dos educandos.

Há uma poética que permeia as pedagogias de Freire. Além de poeta, seus textos e cartas revelam a boniteza que animava as suas palavras e a sua práxis (Mello, 2010). Mas, o sentido de poética que aqui emerge está para além das palavras e de como elas poeticamente se arranjam em um texto. Aproximamo-nos dos sentidos abertos pela etimologia, como fez Heidegger (2005), ao recorrer à *poiesis* como a essência do obrar das obras de arte, que trazem o mundo à luz em sua instauração. Para o filósofo, as obras de arte não são meras produções ou objetos, nem simplesmente produtos da mente ou do talento dos artistas. Inclusive, “nem toda forma de arte é poética ou disposta a articular o poético”<sup>4</sup> (Whitehead, 2003, p.1 – Tradução nossa). Existe algo peculiar que torna certas obras poéticas e, para Heidegger (2008b; 2008c), esse algo se chama habitar.

Ao enunciar que “poeticamente o homem habita”, Heidegger (2008c, p.165) acena para a relação entre habitar e *poiesis*. Dentre vários modos possíveis, é

---

<sup>4</sup> Do original: *not every art-form is poetic or disposed to articulate the poetic.*

poeticamente que habitamos, e é em diálogo com a poesia de Hölderlin que o filósofo medita sobre o habitar poético, fundamental à palavra do poeta que re/lê, re/escreve e re/cria o mundo. *Poiesis*, assim, refere-se à emergência da Terra na poesia de Hölderlin: “a poesia não sobrevoa nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar” (Heidegger, 2008c, p. 169). É esse pensamento meditativo, que repousa sobre as coisas, que diferencia o habitar poético do instrumental.

Heidegger (2008b) considerou que o habitar não se reduz à moradia; por isso, ele não pode ser resumido à questão da crise habitacional. O habitar poético acena à maneira como lemos, interpretamos, escrevemos e circunscrevemos nossa existência na quadratura, no lugar que ocupamos entre “terra e céu, deuses e mortais” (Heidegger, 2008b, 129). É nesse lugar que poesia e pensamento se encontram como um pensamento meditativo, que se demora junto às coisas, e não como um pensamento calculatório, que trata as coisas como meros instrumentos (Heidegger, 2008a). Por isso, Heidegger (2008c, 178) enfatizou: “[...] a poesia é um construir em sentido inaugural”, e o faz por meio das imagens poéticas que cria para vigorar a essência da imagem, “deixar ver alguma coisa” (Heidegger, 2008c, p. 177), o que nada tem a ver com palavras que imitam e reproduzem o mundo – essas, inclusive, são deturpações do habitar poético. Trata-se de inaugurar mundos; é mais sobre relê-los do que os repetir.

Ao se demorar nos sapatos da camponesa de Van Gogh, Heidegger (2005) nos mostra como as obras de arte, poeticamente, nos fazem vagar pelo mundo, interpretando o mundo que se mostra por meio delas:

Na escura abertura do interior gasto dos sapatos, fita-nos a dificuldade e o cansaço dos passos do trabalhador. Na gravidade rude e sólida dos sapatos está retida a tenacidade do lento caminhar pelos sulcos que se estendem até longe, sempre iguais, pelo campo, sobre o qual sopra um vento agreste. No couro, está a humidade e a fertilidade do solo. Sob as solas, insinua-se a solidão do caminho do campo, pela noite que cai. No apetrecho para calçar impera o apelo calado da terra, a sua muda oferta do trigo que amadurece e a sua inexplicável recusa na desolada improdutividade do campo no Inverno. Por este apetrecho passa o calado temor pela segurança do pão, a silenciosa alegria de vencer uma vez mais a miséria, a angústia do nascimento iminente e o tremor ante a ameaça da morte. Este apetrecho pertence à terra e está abrigado no mundo da camponesa. (Heidegger, 2005, p. 25-26).

O habitar poético se demora junto às coisas e nelas repousa, porque as comprehende como “coisas que valem a pena que são experimentadas estando-em-si-

mesmas”<sup>5</sup> (Jardine, 2008c, p. 241 – Tradução nossa), tal como as obras de arte são em Heidegger (2005), que repousam nelas mesmas e, por meio de seu ser, fazem o mundo emergir como uma imagem possível.

Jardine (2008c, p. 241 – Tradução nossa) retomou essa via aberta por Heidegger e apontou que “leva tempo e prática para aprender a tratar bem as coisas. Leva um tempo para deixar as coisas repousarem”<sup>6</sup>. Para isso, é preciso que poeticamente habitemos, que poesia e pensamento se unam na difícil tarefa de pensar o mundo em conjunto, “[...] um sentido verdadeiro, forte e intelectual e espiritualmente vital, no qual pensar o mundo em conjunto é em si uma forma de experiência íntima, uma forma de pensamento interpretativo, profundamente sensível e experiencial [...]”<sup>7</sup> (Jardine, 2008a, p. xiii – Tradução nossa), que nos leva ao curso integrado e expansivo das coisas – *currere*, um currículo abundante e vivo que pulsa nas relações ecológicas que as coisas possuem com a totalidade relacional da Terra (Jardine, 2018; 2021; 2022; Jardine; Clifford; Friesen, 2006; Jardine; Lagrange; Everest, 2008; Jardine et al., 2008).

Caminhar por esse *currere* não é uma tarefa fácil; exige que nos reposicionemos em meio às coisas e poeticamente as habitemos. O habitar poético é desafiador, pois, como Freire (2018) nos lembra, a educação desumanizadora instrumentaliza a práxis docente para que a opressão possa se perpetuar na educação. Nesse sentido, Aoki (1983/2005a) vincula a crise moderna da técnica à crise do sentido de ser, que reverbera no currículo, pois “parece que estamos presos a um significado singular da palavra currículo”<sup>8</sup> (Aoki, 1983/2005, p.113a – Tradução nossa), ainda hoje representado pelos objetivos e metas que devemos fazer os educandos atingir, nos circunscrevendo como “instaladores do currículo”<sup>9</sup> (Aoki, 1986/2005b, p. 160 – Tradução nossa), que devem implementar as estratégias dos desenvolvedores dos currículos oficiais para que eles sejam bem sucedidos, apenas isso.

<sup>5</sup> Do original: *whereworthy things [that] are thus experienced as standing-in-themselves.*

<sup>6</sup> Do original: *it takes time and practice to learn how to treat things well. It takes a while to let things repose.*

<sup>7</sup> Do original: *a true, strong, and intellectually and spiritually vital sense in which thinking the world together is itself a form of intimate experience, a form of interpretative, deeply sensuous, and experiential thinking.*

<sup>8</sup> Do original: *we seem to be caught up in a singular meaning of the word curriculum.*

<sup>9</sup> Do original: *installers of the curriculum.*

Porém, Jardine (2021) nos encoraja a pensar que esse não é o mundo da educação, mas como ele agora se parece. Por isso, voltar ao *currere* e pensar a Terra em conjunto é um ato de resistência, pois nos permite pensar o mundo em conjunto, em interrelação, isso é, a Terra como ela é, nossa base existencial que se realiza em seus lugares e paisagens (Dardel, 2011).

O que emerge desse pensamento não é um currículo prescrito, mas o *currere* como a rede de sentidos relacional que interliga todas as coisas, isto é, as coisas e sua topologia própria, o seu lugar. Autores como Jardine (2018; 2021; 2022), Jardine, Clifford e Friesen (2006), Jardine, Lagrange e Everest (2008) e Jardine et al (2008) têm advertido que todas as coisas podem nos levar à Terra, caso meditemos sobre os seus sentidos, haja vista que *currere* se refere ao curso das coisas, ao caminho que elas já fazem no mundo, e não ao curso que os currículos planejados desenvolvem e nos fazem aplicar para ensinar como as coisas “funcionam”. Essa compreensão de currículo corrobora o que Jardine, Clifford e Friesen (2006, p. 172) chamaram de currículo em abundância:

não devemos guardar integridade e inter-relação sobre as coisas por nossos esforços. Em vez disso, o currículo integrado - o curso completo e saudável das coisas - ganha sua integridade na medida em que é uma expressão das interconexões já existentes das próprias coisas (Jardine, Clifford; Friesen 2006, p. 172 – Tradução nossa).<sup>10</sup>

Um currículo integrado é abundante, transborda as prescrições curriculares e atravessa os conceitos e categorias depositados em sala de aula. Um currículo abundante é um lugar que não se contenta com a localidade e se esborda para a paisagem, que não se contenta em ser retrato e, por isso, se transforma a cada segundo. Como Jardine, Clifford e Friesen (2006, p. 172) disseram, não é escolha nossa que os currículos ganhem integridade e relacionalidade; eles já o são desde a sua emergência no mundo, porque, como *currere*, todas as coisas possuem um curso próprio que as interliga à/na/com a Terra, ao tempo, ao lugar e à paisagem. Isso significa que todas as coisas possuem suas próprias geograficidades, relações existenciais que nos ligam profundamente à Terra (Dardel, 2011).

Construindo uma ponte entre Aoki e Heidegger, Liu Baergen (2018) apontou um caminho para desobstruir o *currere*, que é solapado pelo contexto de

---

<sup>10</sup> Do original: *we do not bestow integrity and interrelatedness upon things by our efforts. Rather, the integrated curriculum—the whole and healthy course of things—gains its integrity insofar as it is an expression of the already existing interconnections of things themselves.*

instrumentalização curricular: o “teorizar como habitar poético”<sup>11</sup> (Liu Bargen, 2018, p. 149 – Tradução nossa), que não é um ato de representação de mundo, como as perspectivas tecnicistas de currículo fazem, mas de meditar sobre os sentidos das coisas, que é poesia e pensamento. Esse é um habitar que se demora junto as coisas da Terra, aos seus lugares e paisagens e as suas interrelações. *Currere*, nesse sentido, nos remete à própria Terra e a como a sua totalidade emerge em cada lugar e paisagem que habitamos.

Nesse contexto, a fotopoética emerge como uma práxis de repouso, demora e meditação, como um exercício geográfico de descrever as geograficidades das coisas (Dardel, 2011). Por isso, ela nos possibilita praticar uma geografia fenomenológica, que não se interessa pelo que, a princípio, deveria ser ensinado como Geografia, mas pelo que é vivido geograficamente; isto é, o modo como habitamos a Terra, desde os menores lugares até as paisagens mais amplas.

## **A FOTOPÓTICA COMO MODO DE HABITAR**

Mundo vivido, vivo, vívido, lido, escrito, grafado. Mundo registrado, fotografado. Mundo re/lido, mundo re/escrito. Nesse círculo hermenêutico, nossa *práxis* caminha por todos os espaços, fazendo-se re/escrição de mundo mais do que escritura. Re/escrever é um ato poético de fazer o mundo emergir por novas imagens, por geografias vivas e pulsantes. Nesse sentido, habitamos as palavras, as fotos, as grafias e as fotografias; com elas, escrevemos a nossa poesia.

Habitamos poeticamente e meditamos sobre o sentido do curso das coisas, sobre a Terra como *currere*. A poética é a nossa *práxis*. Escrita no papel ou nas fotos, é a poética que anima as nossas leituras de mundo. Poesia, escrita e fotografia: eis aqui a tríade que move a nossa *práxis*.

Corroboramos Lyle (2018, p. 4) ao dizer: “entendo a fotografia como algo que inicia um tipo de diálogo que fornece acesso a coisas profundamente arraigadas, ao mesmo tempo que apoia múltiplas formas de construção de significado”<sup>12</sup>. Nem sempre elas são fotografias bonitas, mas são poéticas; são fissuras por onde os sentidos podem emergir, nos permitindo re/ler e re/escrever o mundo.

---

<sup>11</sup> Do original: *theorizing as poetic dwelling*.

<sup>12</sup> Do original: *I understand photography as initiating a kind of dialogue that provides access to things deeply held while supporting multiple ways of meaning making*.

No campo da educação geográfica, Araujo e Moura (2021) e Araujo (2022) nos ajudam a compreender que das fotografias pulsam geografias poéticas aterradas no mundo fotografado. Da sua re/leitura podem “emergir novos significados e possíveis caminhos para restituir laços [...]” (Moura; Araujo, 2019, p. 48) com os nossos lugares, paisagens e com a Terra; eles podem fazer emergir novas geograficidades, e também nos fazer repensar nossos antigos modos de habitar. Por isso, criam situações de aprendizagem e possibilidades de liberação (Freire, 2018).

Caissie e Lyle (2022, p. 9 – Tradução nossa) escreveram que “a investigação fotopoética oferece-nos um lugar para fazer uma pausa — para considerar quem somos e como as nossas experiências formaram as tapeçarias das nossas vidas”<sup>13</sup>; esse lugar é onde nos encontramos com a poética, um fenômeno “[...] evocativo e provocativo na sua capacidade de revelar o que está oculto e encorajar descobertas sobre nós mesmos e uns sobre os outros”<sup>14</sup> (Caissie; Lyle, 2022, p. 11 – Tradução nossa).

Pulsam das fotografias tanto geografias poéticas quanto poéticas geográficas, que desejam fazer erigir algo novo da relação entre fotografia e poética, que não é o mundo lido nem o mundo re/escrito na fotopoética, mas um sentido novo que brota quando o leitor a re/lê. Isso remete à práxis que Moura (2024) nomeou como a dialética do começo, recomeço e novo começo, uma relação entre docência, ensino e didática que pensa o mundo e as geografias em ato como algo em emergência, e não como algo dado e fixo. O movimento que Moura (2024) apresentou é apenas um dos modos possíveis de habitar o ofício na/da docência que, diferentemente da pedagogia do oprimido que nos isola e assola em meio aos currículos prescritos, nos provoca a voltar ao mundo-da-vida constantemente para re/lê-lo em sua nova emergência.

Portanto, Moura (2024) nos desafia a pensar uma didática que está além das discussões feitas pelas metodologias, procedimentos e manuais de ensino, seleção, organização e avaliação dos conteúdos disciplinares. A autora nos provoca a pensar uma didática que nunca se repete, mas se renova a cada experiência geográfica que, como geografia em ato (Dardel, 2011), é sempre uma nova experiência. Diante disso, essa práxis não se anora em um currículo planejado que diz de uma vez por todas o

<sup>13</sup> Do original: *Photopoetic inquiry offers us a place to pause—to consider who we are and how our experiences have formed the tapestries of our lives.*

<sup>14</sup> Do original: *evocative and provocative in its capacity to reveal what is hidden and encourage discoveries about ourselves and each other.*

que e como ensinar Geografia. O que há, então, é um mundo em emergência repleto de currículos-vivos que pulsam em nossa situação existencial.

Nesse sentido, retomamos Blue e Lyle (2022, p. 132 – Tradução nossa) e sua conceituação da fotopoética ou fotopoiesis: “a fotopoiesis oferece uma maneira de atender tanto à minha admiração quanto à minha *práxis*, oferecendo espaço para aprender coisas que de outra forma não fariam sentido para mim”<sup>15</sup>. Isso é, há algo que aprendemos por meio da experiência poética que as pedagogias instrumentais, por exemplo, jamais poderiam nos ensinar. Há algo no poético que nos permite liberar o pensamento, a imaginação, o corpo, a mente e a alma para habitar o mundo de modos próprios e autênticos à experiência poética.

Desse modo, surge das fotografias uma poética albergada pelo *currere* vivido geograficamente que, com inspiração em White (1992; 2021a; 2021b), Gratão (2006; 2012; 2013; 2018; 2024), Araujo (2022), Araujo e Moura (2021; 2024) e Moura e Araujo (2019), pensamos como um modo de habitar a Terra poeticamente, meditando sobre os sentidos desse habitar sedimentados no tempo, liberando a imaginação para pensar o mundo para além de como ele se apresenta, mas também como ele poderia ser diferente e, se pode, por quais motivos permanece igual. Araujo e Moura (2021; 2024) e Moura e Araujo (2019) apresentam essa poética como geopoética, um modo atentivo, descritivo e reflexivo que busca restituir nossa relação com a Terra e meditar sobre como nos vinculamos aos lugares e paisagens vivendo geografias pessoais e profundamente complexas.

Malpas (2021) retoma White (1992; 2021a; 2021b) e lê a geopoética a partir de Heidegger (2005; 2008b; 2008c) e suas contribuições sobre as obras de arte e o habitar poético, pois o filósofo alemão influenciou White e sua teoria geopoética. Na interpretação de Malpas (2021, p. 78 – Tradução nossa):

se lermos no uso da poética de White a compreensão de Heidegger da *poiesis* grega como um modo de "trazer à luz", então um sentido a ser atribuído à geopoética é a ideia de "trazer à luz" o mundo – não apenas no sentido da própria autopresença do mundo em relação à terra, mas também no sentido de trazer à presença esse mesmo trazer à luz.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Do original: *photopoiesis offers a way of attending to both my wonder and my praxis, offering space for learning things that otherwise may not make sense to me.*

<sup>16</sup> Do original: *if we read into White's use of poetics Heidegger's understanding of the Greek poiesis as a mode of 'bringing forth', then one sense to be attached to geopoetics is the idea of the 'bringing forth' of world – not only in the sense of the world's own self-presencing in relation to the earth, but also in the sense of the bringing to presence of that very bringing forth.*

A geopoética não é uma descrição objetiva de mundo, mas uma descrição poética que abre horizontes de leitura de mundo frequentemente velados pelas abordagens racionalistas, como as leituras dos currículos impessoais, planejados em larga escala para serem implementados e instrumentalizados em sala de aula. Em contraposição, a fotopoética busca aterrizar o leitor em sua situação existencial, para, por meio da descrição poética, descobrir outras formas de ler e escrever o mundo-da-vida, abrindo brechas para possibilidades de transformação e conscientização.

Para Malpas (2021, p. 119 – Tradução nossa) “a poesia do mundo é a poesia do lugar, pois é com o lugar, e somente com o lugar, que o mundo começa. A abertura do lugar, que é o acontecimento do ser, bem como a fala da linguagem, é em si mesma o acontecer (a ‘mundanização’) do mundo”<sup>17</sup>. Isso é apontado por Malpas (2021) como fruto da relação entre White e Heidegger, que projeta a sua geopoética como uma poética topológica, fruto do mundo e do acontecimento do ser-no-mundo.

A geopoética de White (1992; 2021a; 2021b), portanto, é um modo de se engajar com o *self* por meio da abertura poética do mundo, e isso “[...] só é possível na e através da singularidade concreta do lugar”<sup>18</sup> (Malpas, 2021, p. 123 – Tradução nossa). Isso, pois, o ser que somos é um ser que emerge no lugar, é um ser-no-mundo situado e circunscrito na experiência geográfica de lugar (Malpas, 2012; 2018; Marandola Jr. 2012; 2021), eis aqui a sua topologia existencial, ou a sua existência topológica. A geopoética, portanto, é um modo de habitar poeticamente o mundo e, no caso da educação geográfica, de habitar geograficamente a Terra, nossa base existencial (Dardel, 2011), pensando profundamente sobre os sentidos do nosso habitar.

Os sentidos, como Marandola Jr. (2024) escreveu, não são um dado geográfico que nós identificamos na realidade em nossos trabalhos de campo e anotamos em nossas cadernetas. Nas geografias fenomenológicas, os sentidos estão em constante movimento, emergindo juntamente do mundo-da-vida.

Marandola Jr. (2024) apresenta que, em sua perspectiva, a poética contraria a Geografia tradicional que a renega espaço para construção do conhecimento, e se faz política. Para o autor, a poética é política à medida que nega a reprodução de sentidos

<sup>17</sup> Do original: *the poetry of world is the poetry of place, since it is with place, and only with place, that the world begins. The opening of place, which is the happening of being as well as the speaking of language, is itself the taking place (the ‘worlding’) of world.*

<sup>18</sup> Do original: *is possible only in and through the concrete singularity of place.*

atribuídos à experiência – geográfica – e cria novas formas de significação para a vida vivida. Assim, a poética se articula com a instauração de sentidos, e não com a sua repetição. Isso a faz política e, de certa forma, práxis de transformação, ao pensarmos no campo da educação.

Diante disso, no ofício na/da docência, precisamos criar caminhos – fissuras para que os sentidos do habitar emergam na docência, na pesquisa e no ensino, que são os espaços de re/humanização nos quais temos trabalhado como professores pesquisadores. Com isso, esperançamos reabilitar nossa práxis voltando-nos para *currere*, provocando a imaginação e nosso ser a habitar a Terra por meio de modos que o tecnicismo e os currículos planejados não puderam, não podem e jamais poderão nos ensinar.

## **EXPERIMENTAÇÕES FOTOPÓTICAS**

Os sentidos rebatem, combatem e entram em embate a cada re/leitura de mundo. Somos convocados a mergulhar nas imagens e nas águas desfocadas das paisagens fotografadas, para que habitemos os seus lugares, para que mergulhemos, sem medo, no currículo-vivo que pulsa da foto. Esta não é apenas uma fotografia, é uma re/leitura de mundo que aguça re/leituras outras, provocando a imaginação e convidando-nos a imaginar sobre o que a fotopoética nos revela acerca das coisas que ela nos apresenta.

As experimentações fotopoéticas representam um modo de vivenciar a *práxis* que evocamos durante o texto – a prática de re/ler e re/escrever o mundo.

Nesta seção, experimentamos essa *práxis* por meio da poesia e da fotografia, com a fotopoética. As fotopoéticas que apresentamos agora compõem um exercício formativo em que nos engajamos coletivamente para provocar os currículos-vivos que habitam o Jardim Botânico de Londrina, lugares que realizamos caminhadas e trilhas guiadas com a comunidade escolar e não escolar de Londrina-PR. Essas fotopoéticas provocam o que comumente é ensinado sobre esses lugares, como suas paisagens são descritas, os conhecimentos mobilizados para isso e como eles são legitimados ou deslegitimados quanto Geografia. Por isso, tornam-se uma questão curricular.

Cada experimentação é uma provocação sobre experiências geográficas que nos atravessaram em nosso habitar. Habitá-las poeticamente é abrir espaço para os pensamentos que comumente são afastados das interpretações geográficas, por isso as fotopoéticas que compõem esta seção são possibilidades para pensar diferente em

Geografia, provocando outros modos de habitar e, consequentemente, destruição, reconstrução e transformação subjetiva – educação (Lyle; Snowber, 2021).

Convidamos você, leitor, a navegar conosco por essas re/leituras de mundo.

~

Ao chegar no Jardim Botânico de Londrina esse é o primeiro lugar que pisamos.

Olhe para o chão!

Você sabe que lugar é esse?

Onde você está? Na porta de entrada... no portão principal.

Onde você está? No portão principal... na porta de entrada.

Você está no portão principal.

Você está na porta de entrada.

**Figura 1 – O desenho do futuro**



Fonte: Autores, 2024.

Você está na língua perdida,  
no coração sem limites,  
no desenho de uma criança chamado  
esperança —  
esperança de um futuro melhor,  
esperança de paz,  
esperança de reconciliação.

Somos o legado de uma história de  
invasão de terras KainGang, que  
sobreponhemos outras formas de habitar.

Seguimos inscrevendo nossas marcas nas  
terras de nossos ancestrais, que nos  
fazem, a todos, paranaenses.

Se antes houve destruição, hoje  
carregamos a responsabilidade de  
construir o futuro.

Um futuro melhor, esperançamos.

Quem disse que todo jardim tem flores? Quando a natureza se tornou sinônimo de campo florido? Quem disse que a beleza da Terra são girassóis e rosas vermelhas? Não há vida no feio? Ou será que nem toda beleza é bonita? Ninguém se importa com o feio, só querem escondê-lo.

**Figura 2 – O desenho do futuro.**



Fonte: Autores, 2024.

Há tanta Terra no feio e na destruição quanto nos campos verdejantes. De que vale destruir essa paisagem para construir uma mais bonita, com flores, árvores e concreto que nunca nutriram este chão?

Perguntas. Caminhos. Pensamentos. Clareiras. Conhecimento.

~

Que lugar é esse? Uma estrutura mal estruturada. Metais inúteis que poderiam ter sido casa e alimentação para muitas pessoas, mas não, são um lugar vazio e

A Terra nasce da destruição —  
do poder de destruir e reconstruir,  
Nós não somos nada.

Drenos insignificantes de recursos  
passageiros.

Não podemos produzir água,  
trazer de volta animais extintos,  
ou renovar o que agora está tóxico.

Somos o efêmero e o frágil.  
Somos a Terra que não é só bela.

perigoso. Um lugar vazio em um jardim botânico, um espaço de lazer. Um lugar perigoso em um lugar de descanso. Esse é o lugar da contradição, do que poderia ter sido, mas acabou não sendo.

É preciso ficar longe desse lugar, por mais que ele esteja em meio ao lugar de lazer. Essa é uma paisagem do afastamento, do perigo, do temor, do alerta. Ela nos alerta sobre o dinheiro e sobre a política. Ela chama nossa atenção para a política do dinheiro, e também para o dinheiro da política. Para onde foi, o dinheiro e a política? Parte deles está aqui. Apenas uma parte, porque esse é um lugar vazio.

**Figura 3 – A estrutura mal estruturada.**



Fonte: Autores, 2024.

Um lugar que deveria estar cheio de plantas, árvores e algumas flores, mas está lotado de nada, de um vazio que em cada canto guarda cirurgias, políticas públicas, leite, comida e saúde, ou melhor, guarda um nada que poderia ter sido tudo isso. Uma estrutura que está colapsando, e por isso devemos manter distância, para que possamos estar seguros. Um lugar inseguro no lugar de lazer, que a princípio pressupõe segurança.

Pelo visto, não podemos acreditar tanto no que pressupomos. Por exemplo, é pressuposto que o dinheiro público seja bem gasto, assim como pressupomos que um

lugar de lazer não seja um lugar de perigo. No entanto, como nos revela a paisagem, até as grandes estruturas podem ser mal estruturadas.

## CAMINHOS ABERTOS

Com este texto, buscamos exercitar três movimentos: compartilhar, provocar e convidar.

Primeiro, compartilhamos a nossa práxis fotopoética, caracterizando-a como oposta a pedagogia da opressão que se dissemina nos espaços pedagógicos por meio da instrumentalização do currículo.

Em seguida, provocamos o sentido tecnicista de currículo, propomos uma retomada do sentido etimológico de *currere* e, com base no diálogo entre os estudos curriculares e a geografia fenomenológica, convidamos a Terra a ser entendida como *currere* – uma rede de sentidos interrelacionada, abundante e transbordante, que nos lança na imensidão da Terra por meio dos lugares e das paisagens que habitamos.

Por fim, convidamos você a experimentar conosco a *práxis* fotopoética, re/lendo o mundo-da-vida, para então re/escrevê-lo.

Esse movimento tripartite nos permitiu questionar os sentidos atribuídos aos lugares e paisagens sobre os quais nos demoramos no exercício fotopoético, permitindo que a realidade fotografada fosse questionada pela atitude da demora, que nos possibilitou produzir novos sentidos para os lugares e para as paisagens que fotografamos.

Depois de experimentar, não há muito o que ser dito. Contudo, gostaríamos de encerrar o texto retomando uma colocação que já fizemos: solapados por pedagogias opressoras que apostam na instrumentalização do currículo e do humano, o que podemos aprender sobre as realidades geográficas que o tecnicismo não pôde nos ensinar? Essa é a política da nossa *práxis*, assim como a poética da nossa política.

## REFERÊNCIAS

AOKI, T. T. *Curriculum implementation as instrumental action and as situational praxis*. In: PINAR, W. F.; IRWIN, R. L. (Orgs.). ***Curriculum in a new key: the collected works of Ted Tsuo Aoki***. Mahwah, NJ: Erlbaum, [1983]2005a, p. 111-123.

AOKI, T. T. *Teaching as indwelling between two curriculum worlds*. In: PINAR, W. F.; IRWIN, R. L. (Orgs.). ***Curriculum in a new key: the collected works of Ted Tsuo Aoki***. Mahwah, NJ: Erlbaum, [1983/1991]2005b, p. 159-165.

AOKI, T. T. *Legitimating Live Curriculum: Toward a Curricular Landscape of Multiplicity* (1993). In: PINAR, W. F.; IRWIN, R. L. (Orgs.). **Curriculum in a new key: the collected works of Ted Tsuo Aoki**. Mahwah, NJ: Erlbaum, [1983]2005c, p. 199-2018.

ARAUJO, D. B. de. **Geo[Grafi]as Poéticas: entre educação e modos sensíveis de habitar**. 2022. 137 fls. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

ARAUJO, D. B.; MOURA, J. D. P. A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas. **Geograficidade**, v. 11, p. 48-62, 2021.

ARAUJO, D. B.; MOURA, J. D. P. Geopoética e experiência: o ensinar e o aprender pela (re)conexão sensível com a Terra. **Pensar Geografia**, [S. I.], v. 8, n. 1, p. 1-12, 2024. <https://doi.org/10.26704/pgeo.v8i1.6319>

BLUE, J.; LYLE, E. *The art of rebraiding: Re/centring self to humanize praxis*. In: LYLE, E. (Orgs.). **Re/centring lives and lived experience in education**. Brill | Sense, 2022, p. 139-140.

BRANDÃO, C. R. Cultura (movimentos de cultura popular). In: STRECK, D. R; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a, p. 179-180.

BRANDÃO, C. R. Círculo de cultura (movimentos de cultura popular). In: STRECK, D. R; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b, p. 123-125.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FREIRE, A. M. A. Inédito-viável. In: STRECK, D. R; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 396-400.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p. 11-30.

FREIRE, P.; MACEDO, D. P. **Alfabetização**: leitura da palavra leitura do mundo. Paz e Terra, 1990.

GRATÃO, L. H. B. **A Poética d' “O Rio” – ARAGUAIA! De Cheias...&... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!** 2002. 354p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRATÃO, L. H. B. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopolética. In: OLIVEIRA, L.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H.B.; MARANDOLA JR. E. (Org.). **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 165-190.

GRATÃO, L. H. B. Geografia e Geopoética: contribuição de Kenneth White para a compreensão da poética e da estética do mundo. **Anais**. III Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. Niterói, Rio de Janeiro, 2012.

GRATÃO, L. H. B. Caminhando com Kenneth White pelo campo da geografia em vista de uma poética do mundo. **Anais**. IV Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. Niterói, 2013.

GRATÃO, L. H. B. Sonhos de Areia-Subindo a Serra-Escavando Rocha-Recolhendo Areia: devaneios da matéria na arte de Goiandira do Couto. **Revista Geografia Literatura e Arte**, v. 1, n. 2, p. 90-110, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2018.174371>

GRATÃO, L. H. B. Trilhas interpretativas... o caminhar pela imaginação do habitar a Terra. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; BATISTA, G. S. (Orgs.). **Portais da Terra**: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1. Teresina: Edufpi, 2023, p. 81-144.

GRATÃO, L. H. B. **Poética da Terra**: Saborear o cerrado, pelo pequi goiano. Teresina: Cancioneiro, 2024.

GRATÃO, L. H. B.; MOURA, J. D. P. Pelo (per)curso das águas... No “Caminho d’ “O Rio”... Múltiplos olhares!. In: FERNANDES, A.; CRAVO, C.; CASTRO, F. F. de. (Org.). **Desafios curriculares no séc. XXI**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022, v.1, p. 231-253.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: Heidegger, Martin. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 11-28.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: Heidegger, Martin. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008b, p. 125-142.

HEIDEGGER, M. “...Poeticamente o homem habita...”. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008c, p. 165-182.

- JARDINE, D. W. *Preface: Back to the Basics of Teaching and Learning*. In: JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. (Org.). **Back to the Basics of Teaching and Learning**. Routledge, 2008a. p. ix-xxii.
- JARDINE, D. W. *On the while of the things*. In: JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. (Org.). **Back to the Basics of Teaching and Learning**. Routledge, 2008b. p. 223-242.
- JARDINE, D. *Ecopedagoy*. In: **Encyclopedia of curriculum studies**. KRIDEL, C. (Org.). 2010, p. 312-313.
- JARDINE, D. W. *In praise of radiant beings: A retrospective path through education, Buddhism and ecology*. Information Age, 2016.
- JARDINE, D. W. *To know the world, we have to love it*. In: **Canadian Curriculum Studies: a métissage of inspiration, imagination and interconnection**. HASEBE-LUDT, E.; LEGGO, C. (Org.). Canadian Scholars, 2018, p. 224-225.
- JARDINE, D. *What We Know Full Well*. **Journal of the Canadian Association for Curriculum Studies**, [S. I.], v. 18, n. 2, p. 36-52, 2021. <https://doi.org/10.25071/1916-4467.40588>
- JARDINE, D. W. *Preciousness and Duty*. In: LYLE, E. (Org.). **Re/humanizing Education**. Brill, 2022, p. 43-51.
- JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. *On the Integrity of Things: Reflections on the "Integrated Curriculum"*. In: JARDINE, D. W.; FRIESEN, S.; CLIFFORD, P. **Curriculum in abundance**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2006. p. 171-179.
- JARDINE, D. W. et al. *Cleaving with affection: On grain elevators and the cultivation of memory*. In: JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. (Org.). **Back to the Basics of Teaching and Learning**. Routledge, 2008. p. 31-57.
- JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. *Introduction: an interpretative reading of "back to the basics"*. In: JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. (Org.). **Back to the Basics of Teaching and Learning**. Routledge, 2008. p. 1-10.
- JARDINE, D. W.; LAGRANGE, A.; EVEREST, B. *"In these shoes is the silent call of the Earth: Meditations on Curriculum integration, Conceptual Violence, and the Ecologies of Community and Place*. In: JARDINE, D. W.; CLIFFORD, P.; FRIESEN, S. (Org.). **Back to the Basics of Teaching and Learning**. Routledge, 2008. p. 165-174.
- LIU BAERGEN, P. *Theorizing as Poetic Dwelling: An Intellectual Link between Ted Aoki and Martin Heidegger*. In: HASEBE-LUDT, E.; LEGGO, C. (Org.). **Canadian Curriculum Studies: a métissage of inspiration, imagination and interconnection**. Canadian Scholars, 2018, p. 141-150.
- LYLE, E.; CAISSIE, C. *Living and Being with/in Education*. In: LYLE, E. (Org.). **Re/centring lives and lived experience in education**. Brill, 2022. p. 1-12.

LYLE, E.; SNOWBER, C. *Walking as Attunement: Being With/In Nature as Currere. Journal of the Canadian Association for Curriculum Studies*, [S. I.], v. 18, n. 2, p. 6–20, 2021. <https://doi.org/10.25071/1916-4467.40514>

MALPAS, J. *Heidegger's topology: Being, place, world*. MIT press, 2008.

MALPAS, J. *Heidegger and the thinking of place: Explorations in the topology of being*. MIT Press, 2012.

MALPAS, J. *Place and Situation*. In: HÜNEFELDT, T.; SCHLITTE, A. (Org.). *Situatedness and Place: Multidisciplinary Perspectives on the Spatio-Temporal Contingency of Human Life*. Dordrecht: Springer, 2018, p. 27-39.

MALPAS, J. 'Where Hegel Meets the Chinese Gulls': Place, Work and World. In: MALPAS, J.; WHITE, K. (Org.). *The Fundamental Field: Thought, Poetics, World*. Edinburgh University Press, 2021, p.71-126.

MARANDOLA JR., E. O lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar**: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 227-248.

MARANDOLA JR., E. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARANDOLA JR., E. **Ensinar-aprender fenomenologia**: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. Cancioneiro, 2024.

MOURA, J. D. P.; ARAUJO, D. B. Em busca do sentido da paisagem: percursos por Londrina (Brasil) e Coimbra (PORTUGAL). In: YAMAKI, H.; CUNHA, L. (Org.). **Paisagem e território**: expedições. 1ed. Londrina: Londrina, 2019, v. 1, p. 39-49.

PASSOS, L. A. Trama. In: STRECK, D. R; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 709-710.

WHITE, K.; BISSELL, N. *Elements of geopoetics*. **Edinburgh Review**, v. 88, p. 163-178, 1992.

WHITE, K. *Talking Topology in the Finisterras*. In: MALPAS, J.; WHITE, K. (Org.). *The Fundamental Field: Thought, Poetics, World*. Edinburgh University Press, 2021a, p.3-70.

WHITE, Kenneth. *Three Philosophical Poems*. In: MALPAS, J.; WHITE, K. (Org.). *The Fundamental Field: Thought, Poetics, World*. Edinburgh University Press, 2021b, p.127-143.

WHITEHEAD, D. H. *Poiesis and art-making: A way of letting-be*. **Contemporary Aesthetics** (Journal Archive), v. 1, n. 1, p. 1-13, 2003.